

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n1e28184>

Versura¹: uma proposta de escrita e de leitura digital²

Versura: a proposal for digital writing and reading

Versura: una propuesta de escritura y lectura digital

José Henrique de Paula Borralho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9341-7937>

Resumo: Esse texto versa sobre uma experiência de produção textual através de um *blog* denominado *Versura* (versura.blogspot.com), cujo título está alicerçado no conceito do filósofo italiano Giorgio Agamben de *Versura* do *Enjambement*, quando a dissonância da palavra encontra um duplo significado pela suspensão da linearidade do verso que somente a poesia encontra, único momento que distingue poesia da prosa. *Versura* então pode ser entendido como: desdobramento da palavra, já que, ao final de um verso em uma linha escrita, não se sabe ao certo o que sua continuidade dirá, o que deu origem à leitura da esquerda para a direita no mundo ocidental. O *blog*, a partir dessa ideia, sem tema definido, desde 2011, com 364 postagens e 137.000 acessos se transformou em dois livros, a saber: *Versura, poemas, contos e crônicas* (2014), *Versura: Ensaios* (2017), ambos vencedores do edital da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) no Apoio a Publicação de Livros (APUB) e num projeto de extensão para estudantes do Ensino Médio na cidade de Alcantara, do Instituto Federal do Maranhão.

Palavras-chave: intertextualidade; transliterariedade; comunicação digital; desdobramento da palavra; escrita e leitura.

Abstract: This text discusses an experience of textual production through a blog called *Versura* (versura.blogspot.com), whose title is grounded in the concept developed by the Italian philosopher Giorgio Agamben of *versura* from *enjambment*, when the dissonance of the word encounters a double meaning through the suspension of the verse's linearity—something only poetry can achieve, the unique moment that distinguishes poetry from prose. *Versura* can thus be understood as the unfolding of the word, since at the end of a verse on a written line one cannot know for certain what its continuation will say, a notion that gave rise to left-to-right reading in the Western world. The blog, based on this idea and without a defined theme, has existed since 2011 with 364 posts and 137,000 readings, and has resulted in two books: *Versura: poems, short stories and chronicles* (2014) and *Versura: Essays* (2017), both awarded by the Maranhão Research and Scientific Development Support Foundation (FAPEMA) under the Book Publication Support program (APUB), and in an outreach project for high school students in the city of Alcantara, from the Federal Institute of Maranhão.

Keywords: intertextuality; transliterarity; digital communication; unfolding of the word; writing and reading.

¹ *Versura*: O termo latino designa o lugar em que o arado dá a volta ao fim do tempo. Existe um paralelismo com alguns sistemas de escritos antigos, nos quais as linhas decorrem alternadamente da esquerda para a direita, como acontecia na escrita grega antiga, na hitita ou também na escrita rúnica. Esse tipo de escrita é geralmente designado de escrita bustrofédica (do grego *bustrophedon*): o modo de virar os bois (Agamben, 2012, p. 30).

² Esse texto é uma compilação de vários *posts* do blog ao longo de 15 anos, um balanço da produção e repercussão durante seu percurso. A escrita do texto mescla ora a escrita em primeira pessoa, ora em terceira, de modo ensaístico.



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Resumen: Este texto trata de una experiencia de producción textual a través de un blog denominado *Versura* (versura.blogspot.com), cuyo título se fundamenta en el concepto del filósofo italiano Giorgio Agamben sobre la *versura* del *enjambement*, momento en que la disonancia de la palabra encuentra un doble significado mediante la suspensión de la linealidad del verso, algo que solo la poesía logra y que constituye el instante que distingue la poesía de la prosa. *Versura* puede entenderse, entonces, como el desdoblamiento de la palabra, puesto que, al final de un verso en una línea escrita, no se sabe con certeza qué dirá su continuación, lo que dio origen a la lectura de izquierda a derecha en el mundo occidental. El blog, a partir de esta idea y sin un tema definido, desde 2011, con 364 publicaciones y 137.000 lecturas, se transformó en dos libros: *Versura: poemas, cuentos y crónicas* (2014) y *Versura: Ensayos* (2017), ambos ganadores del concurso de la Fundación de Amparo a la Investigación y al Desarrollo Científico de Maranhão (FAPEMA) en el apoyo a la publicación de libros (APUB), y en un proyecto de extensión para estudiantes de secundaria de la ciudad de Alcantara, del Instituto Federal de Maranhão.

Palabras clave: intertextualidade; transliterariedad; comunicación digital; desdoblamiento de la palabra; escritura y lectura.

1 Introdução

Palavra, fala, parole, mot, não importa a língua, idioma, forma, ela é uma das maiores invenções humanas, uma das mais belas formas de expressão do pensamento. O pensamento não é linguagem, mas precisa dela para expressar sua aliteração, e a palavra é um dos seus principais mecanismos.

Os gregos desenvolveram uma teoria semioticista para expressão da linguagem, retomada ao longo da modernidade, durante o iluminismo, até chegar a Charles Peirce, Greimas e Saussure como ícones desse estudo. Immanuel Kant (1987) já havia construído uma teoria do significado, explicitando como o pensamento opera a partir dos mecanismos da linguagem. A Neurociência e a Física Quântica têm dado grandes contribuições para os estudos da mente e como se dá a relação entre cérebro e linguagem, com ênfase no papel da fala, sem olvidar, é claro, da psicanálise e da psicologia analítica junguiana, cujos substratos de análises detêm-se nas linguagens expressas nela.

A palavra ou a falta de comunicabilidade está registrada na história. O caso talvez mais emblemático seja o da Torre de Babel, onde, segundo a mitologia judaica, IAWEH imputou aos homens os diversos falares, confundindo-os todos, impossibilitando que a torre alcançasse o céu.

Marco Polo, em suas viagens à China, registrou maravilhado o mundo novo que se descortinava à sua frente. Seus diários são um dos responsáveis pela criação do imaginário sobre o Oriente, e a forma de uso das palavras, uma espécie de realismo mágico primevo, inventor de um mundo encantado, leia-se, diferente, distante do imaginário europeu. Os registros sobre a arquitetura, roupas, riquezas, até

os animais, fizeram de sua narrativa uma literatura deslocante das condições lancinantes de uma Europa ainda em invenção, construção, mergulhada em conflitos de toda ordem: econômica, cultural, espiritual. O outro era o exótico, diferente, distante.

A literatura, pletora usuária da palavra, nos leva a lugares distantes sem nos tirar de casa, exatamente pelo uso dela. O que dizer de Franz Kafka? Alberto Camus, Hemingway, Dostoiévski, Gogol, Pushkin, Maiakovski, James Joyce, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias, Érico Veríssimo, Drummond, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, e tantos e tantos escritores que, pela imensa capacidade de inventar mundos, desenharam quadros mágicos em que verossimilhança e inverossimilhança perdem um certo sentido, já que a vida é a capacidade imaginativa de como se a idealiza, não como se vive, a vida está na literatura.

O cinema, arte por excelência da imagem, usa o texto da imagem, já que imagem é texto, para também com a palavra, ou sem ela, corroborar para o quadro cinético da fotografia, quadro a quadro, *frame a frame*, às vezes de palavra em palavra. Várias películas fizeram o uso magistral da palavra.

Retomo a memória para falar de uma em especial que sempre me vem à mente; trata-se de *Um livro de cabeça*³, do diretor Peter Greenaway (1996). Filme poético que versa sobre uma tradição japonesa, hoje desaparecida: pintar os corpos escrevendo o diário da vida. Havia no Japão a tradição passada de pai para filho de escolher modelos, não necessariamente belos corpos, e sim, belas peles, textura suave, delicada, límpida como uma tela em branco, tez de tecido. Nela, a pele, os pais escreviam os diários das famílias, situações que não precisavam necessariamente ser eternizadas, mas visualizadas, fotografadas pela retina dos que viam o quadro da pele coberta, um ritual, uma mística, uma fusão entre corpo e texto, palavra e forma, já que a escrita japonesa é antes de tudo ideograma, portanto, símbolo, forma, texto e contexto.

A forma como a personagem desenvolve sua relação com a escrita é sinestésica, por vezes erótica, já que o erotismo se traveste também na relação sexual, mas não só, erotismo é desejo, *eros* e *thanatos*, amor e morte, pulsão e

³ *The pillow book*, 1996 (126').

finitude, recomeço e transcendência, potência e ação, carne e verbo, deslimites do corpo. Considero esta uma obra-prima da palavra, uma homenagem a ela e encenação mais encarnada da palavra que se faz vida, o verbo que virou carne. Este filme é uma boa tradução da imaginação pública⁴ /narratório,

O que chamo de imaginação pública, que permite ler sem as categorias de autor e obra, fora das divisões entre privado, público, individual e social. A imaginação pública seria tudo o que circula em forma de imagens e discursos e uma força e um trabalho coletivos que fabricam a realidade (Ludmer, 2014, p. 93),

já que a palavra exige a presença de um corpo e de um pintor não para existir, já existe em algum plano, e sim, para ser vista, desejada, lida, agraciada, desenhada, tocada, literalmente. Além da literatura e do cinema, algo tão generoso, fortuito, encantado para falar da palavra seja a música; melodia, harmonia, ritmo e texto, tudo casado, junto, pois que a palavra é a ritmização sonora da expressão bela da alma.

Robert Darnton, historiador francês, em *O iluminismo como negócio* (1996), analisa o processo de produção, distribuição e circulação da obra *A ilustração*, supostamente um dos pilares e influenciadores da Revolução Francesa. *A ilustração*, conjunto de verbetes acerca de temas gerais e variados, foi considerada uma obra subversiva, portanto, proibida pela Igreja Católica. E, de fato, foi. Nem tanto pela associação forçada de que seus idealizadores eram burgueses, logo, as ideias ali contidas possuíam um caráter burguês, e sim, por aquilo que as palavras, seus meneios, estratégias imagéticas e discursivas foram capazes de produzir nos seus leitores.

Pouco afeitos à leitura, os neófitos leitores se depararam com um universo completamente novo, desdobrando-se em imagens que os verbetes ilustravam. Com o tripé: filosofia, teologia, necromancia, por vezes expressões e imagens aparentemente banais, continha ideias subversivas, levando o leitor pelo caráter do subtexto a abrir *links* com situações e reflexões acerca dos assuntos tratados. Afora o caráter metalinguístico, ou seja, cada vez que os leitores visualizavam uma situação, abriam-se novas janelas dentro de suas mentes.

⁴ Conceito estabelecido por Josefina Ludmer (2002, 2014).

Esse poder da palavra encanta. É claro que ela é uma das linguagens, e não a linguagem, no entanto, como é com ela que dialogo, tergiverso, alitero, cada dia mais pela capacidade criativa, imaginativa, construtiva de significados do mundo.

Uma vez diante da pletora situação de descoberta pelas palavras, nunca mais se é o mesmo. As palavras, como qualquer outro texto, possuem a capacidade de criar uma percepção da realidade, aprioristicamente tomada pela observação do olhar para o desvelamento de mundos a serem descortinados. A literatura faz muito bem isso.

Quem nunca se sentiu numa cena descritiva de uma personagem? Chorou, sorriu, vibrou, amou com ela? Quem nunca sentiu sua vida emprestada pela pena do escritor e ficou com a sensação de que ele falava de si? Quem nunca imaginou situações inimagináveis, mas quando se imaginou, passou a existir, embora com muita dificuldade de traduzir em palavras? Quando encetadas sob forma de linguagem, as palavras eternizam as imagens.

Este artigo analisa como um relato de experiência de escrita e leitura digital, operada a partir de uma plataforma digital, um blog: versura.blogspot.com, estabelece conexões entre a linguagem científica e poética, pela indistinção entre prosa (linguagem operada no campo científico) e poesia, tendo um mosaico de temáticas de diversas áreas, indistintamente. Ademais, pretende se colocar na interface de seu trabalho por meio de inserções do campo intelectual para um público não acadêmico-científico, sem o prejuízo de reflexões operadas a partir da filosofia da linguagem, a partir de uma escrita ensaística e de uma visão holística.

Este artigo se situa dentro de uma visão holística. A visão holística implica enxergar a vida como um todo, não fragmentada por divisões de campo, obedecendo aos princípios das regras do jogo, introjetada nos *habitus*⁵ de cada área, cujas definições do que vem a ser este ou aquele princípio conceitual, muitas vezes, liga-se às regras de quem define o papel da ciência, de suas visões de mundo, suas inserções ideológicas e não à preocupação em estabelecer diálogos profícuos e verticalizados com as respectivas áreas, afins ou não, em busca da ampliação da descoberta das complexas interpretações da existência e dos mistérios humanos.

⁵ Conceito estabelecido em várias obras de Bourdieu (1974, 1983, 1990). Estruturas sociais, normas e valores interiorizados pelos indivíduos, formando um sistema de disposições duráveis que molda de forma inconsciente ou automática seus modos de pensar, sentir e agir. É uma "segunda natureza" construída socialmente que orienta práticas sem depender de regras explícitas.

Não tem a pretensão ou presunção de se constituir enquanto novo paradigma ou criação de uma nova epistemologia, quer na literatura, crítica literária, teoria literária ou estética literária (estilo, forma, urdidura de enredo), bem como do pensamento racional, tão somente uma aporia, muito menos uma aporia axiomática a partir de vários campos do conhecimento e da linguagem não aceitos pelo instrumental cartesiano iluminista, dentre eles, o pensamento holístico e as correntes espiritualistas.

2 Metodologia

O presente artigo é um relato de experiência de uma escrita reflexiva pautada num modelo ensaístico, ao estilo de Giorgio Agamben, no computo das suas obras, notadamente: *Ideia da Prosa* (2012) e *Categorias Italianas* (2014), a partir do conceito de *Versura do Enjambement*, bem como também no conceito de imaginação publica-Narratório, da teórica e crítica argentina, Josefina Ludmer, (2002, 2014), do conceito de Teoria da Complexidade⁶, operado por Edgar Morin (1998, 2001), de Linguística Holística⁷, conceituado por Pierre Weill (1987, 1993), de ideias decoloniais, como as de Fanon (2008), Mbembe (2014), Kopenawa (2010), Krenak (2020), Walter Mignolo (2013), de arquétipo e inconsciente coletivo, de Jung (2012, 2015a, 2015b), de Fenomenologia, de Merleau-Ponty (1999), da complexidade das noções de Física Quântica, em teóricos como Fritjof Capra (2003, 2006) e de concepções espiritualistas diversas.

A partir de um mosaico temático, incluindo em algumas seções uma escrita autobiográfica, o *blog* reuniu o conjunto de quatro estilos literários: ensaios, contos, poemas e crônicas, e duas modalidades científicas: artigos científicos e entrevistas estruturadas a partir da história oral, constituindo menor parte. Iniciado em 05 de agosto de 2011, portanto, 15 anos de existência, possui até o presente momento 384

⁶ A Teoria da Complexidade de Edgar Morin (1998) propõe superar o conhecimento fragmentado, enxergando o mundo como um todo interconectado onde partes e o todo se influenciam mutuamente. Baseia-se no pensamento complexo, que religa saberes (transdisciplinaridade) e aceita a incerteza, a desordem e a ambiguidade como parte da realidade. Para Edgar Morin (1998), a Teoria da Complexidade é, ao mesmo tempo, uma análise crítica do fato da fragmentação dos saberes e do reducionismo a que é submetida nossa maneira de pensar e uma proposta de superação desta por meio do exercício do pensamento complexo.

⁷ Segundo Pierre Weill (1993, p. 45): “Esse paradigma considera cada elemento de um campo como um evento que reflete e contém todas as dimensões do campo. É uma visão em que o todo e cada uma das suas sinergias estão ligados, em direções constantes e paradoxais”.

postagens, 137.062 acessos, 1088 comentários e é lido em 12 países. O presente artigo discorre acerca da trilogia que se pretende o blog e seus argumentos, conceitos e definições, dividido da seguinte forma: a história da criação do blog e seu desenvolvimento ao longo de 15 anos e as proposições aporéticas em paradigmas holísticos como a do conceito de Transição Planetária e novos axiomas do conhecimento.

3 A criação do Versura

Eu conto histórias. Eu nunca pensei em ser blogueiro. Eu não queria ter *Facebook*. Fiz meu *face* para divulgar o *blog*. Começou em agosto de 2011, momento de muita dor e tristeza pessoal. Era preciso canalizar o sofrimento, atravessar o luto. Tive a ideia de fazer um *blog* em que poderia canalizar meus sentimentos mais compungidos. Nascia o **Versura** abordando vários temas livres, sem maiores compromissos, a não ser a vontade de expressar ao público o que, embora fosse subjetivo, atravessa a imensidão da existência.

Tudo começou em 1998, curiosamente, quando cheguei ao Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Assis, interior de São Paulo, e fui apresentado ao meu orientador Antonio Celso Ferreira. Foi ele que mostrou a profundidade da relação entre história e literatura. Vivendo na casa de Josenilma Aranha Dantas, graduada em Comunicação e em Letras, fazendo mestrado em Literatura, e com o hoje escritor Ricardo Leão, a chamada “república maranhense em Assis”, nasceu uma desconfiança de que apenas a epistemologia da história não daria conta de minhas angústias. Nascia a vontade de voar para além dos muros acadêmicos. De lá para cá, acumulei muita vontade de potência, até que o *blog* enfim ganhou corporeidade, vida.

O primeiro nome que me veio à cabeça foi PATAFÍSICA: a ciência das coisas impensadas, um conceito do francês Jean Baudrillard (1985), mas já havia outro *blog* com esse nome. Veio-me Versura, que em italiano quer dizer: “varrer”, “jogar para fora”. Já se passaram 15 anos da existência do *blog*. A forma como narramos necessariamente não é uma compilação de fatos verídicos, e sim, possivelmente verossímeis, eis uma das facetas do escritor ou da escrita, já que a escrita tem vida própria, segundo Blanchot (2011).

A ideia nasceu no início do referido ano, quando então meus alunos de Teorias da História da UEMA (Universidade Estadual do Maranhão) suscitaram a ideia de transportar as reflexões das minhas aulas realizadas na Universidade para uma plataforma da *web* que possibilitasse o compartilhamento com um público maior. Propuseram-me uma abordagem mais sintética, simplificada, mitigada, menos acadêmica. No início, relutei. Não me sentia capaz de uma espécie de comunicação em ambiente virtual. Não por acaso, foi exatamente esse título do primeiro *post* há exatos 15 anos. Estava gestando o Versura em formato de *blog*.

Apropriei-me do filólogo e filósofo italiano Agamben (2012). O conceito de versura está disposto em duas obras do autor, a saber: *A ideia da prosa* e em *Categorias italianas: Versura do Enjambement*. O *enjambement*:

[...] exhibe uma não coincidência e uma desconexão entre o elemento métrico e o elemento sintático, entre o ritmo sonoro e o sentido, como se, contrariamente a um preconceito muito generalizado, que vê nela o lugar de um encontro, de uma perfeita consonância entre o som e o sentido, a poesia vivesse, pelo contrário, apenas de sua íntima discórdia (Agamben, 2012, p. 31),

segundo o próprio Agamben (2014). Ele escreve isso em *Ideia da Prosa*. Já em *categorias italianas*, ele afirma:

A consciência da importância dessa oposição da segmentação métrica à semântica levou alguns estudiosos a enunciar a tese (por mim compartilhada) segundo a qual a possibilidade do Enjambement constitui o único critério que permite distinguir a poesia da prosa. Pois que é o enjambement senão a oposição entre um limite métrico e um limite sintático, uma pausa prosódica e uma pausa semântica? Deve ser dito poético, portanto, o discurso em que essa oposição é possível, ao menos virtualmente, e prosaico, aquele em que ela não pode acontecer (Agamben, 2014, p. 179).

O filósofo italiano foi-me apresentado pelo poeta e meu amigo, Alberto Pucheu (Professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 2010, quando de suas aulas no Centro Histórico de São Luís para o Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Letras, entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em que eu era o coordenador operacional. Depois disso, reapropriei e ressignifiquei o conceito de Versura do Enjambement para o de: "desdobramento da palavra e a possibilidade de uma escrita indistinta entre a poesia e a prosa em seus mais diferentes gêneros, ou uma tentativa de não distinção entre os gêneros textuais". Mas não só, também entre temáticas, interpretações, traduções, tradições, estilos, narrativas, temporalidades.

Desta feita, ambiente virtual, ciência, política, cultura, literatura (poemas, contos, crônicas, ensaios, narrativas de viagens, diários, entrevistas), física quântica, educação, música, psicanálise, psicologia analítica junguiana, arquitetura, cidades, existencialismo, teatro, cinema, sociologia, história, filosofia, antropologia, feminismo, racismo, homenagens, cultura popular, doenças, indigenismo, economia, culinária, futebol, ecologia, preconceitos, neurociência, teorias conspiratórias, ufologia, transição planetária, espiritualismo, estão distribuídos em 364 *posts*, alguns deles em parceria.

No início do blog, chegou a ter 1.000 acessos por dia em média, ser lido em mais de 12 países e 8.070 acessos por mês, tendo 123 seguidores. Escrevia por compulsão, por dever, por necessidade. Sempre portava um caderno de anotações à mão, dado pela minha amiga Patrícia Luzio. Tenho ideias dirigindo, andando de bicicleta, assistindo a filmes, brincando com minhas filhas, conversando com minha esposa, enteados, ministrando aulas, participando das reuniões do Grupo Transição Planetária, dentre outras várias situações.

Comecei escrevendo apenas artigos meio-científicos, depois foi se desdobrando. Assumi um caráter mais literário: poemas, contos, crônicas, ensaios e, mais recentemente, entrevistas. Foi tomando uma forma mais literária que qualquer outro formato, extensão do que sou.

Fui testando, escrevendo, escrevendo cada vez mais. Já recebi um mosaico de críticas de toda ordem, do tipo: “O Versura é um culto à tua personalidade...” “Deverias escrever sobre outras coisas...” “É um absurdo não ter mais escritos sobre a política maranhense...” “Deverias fazer revisões gramaticais antes de escrever”, dentre outras coisas.

No começo, eu estava muito preocupado com a quantidade de acessos, fruto de minha vaidade, hoje, estou com a qualidade. As pessoas que leem, espero que o façam com profundidade e crítica. Levei a sério a ideia de ser “escritor”. Ganhei da Patrícia Luzio o livro de Goldberg (2008), comprei os seguintes livros: de Unamuno (2011); de Todorov (2011); de Lipovetsky (2006), (2009); de Maingueneau (2012), além de ter feito um curso de redação pela internet.

Uma vez perguntei ao meu irmão César como era escrever para ele. Ele me disse que era um ato contínuo, quando ele percebe, o texto chega. Foi aí que me dei

conta de que algo de diferente estava acontecendo comigo. Um poema me veio pronto, de supetão, e de lá para cá tem sido assim.

Certa vez, Leandro Freitas perguntou-me se o Versura era um preâmbulo ou o prelúdio de um movimento literário ou artístico, e a minha resposta foi: “[...] não é nem um nem outro”. Não tenho capacidade para propor ou mesmo fazer um movimento estético. A ideia do Versura mais se aproxima de uma concepção holística em que a interdisciplinaridade, as relações diegéticas entre diversas áreas do conhecimento confluem, num movimento atravessado por reflexões distintas, sem hierarquias de qualquer área, epistemologias, num jogo sintagmático da linguagem, em que vários autores estejam e são citados. Do grego: holos, O todo. Adjetivo ou substantivo que compreende ao mesmo tempo o conjunto e as partes, o sistema global ou Holossistema e todos os sistemas que o integram em sua característica essencialmente Holonômica e em seu Holodinamismo, entre outros (Weill, 1987, p. 75).

Num mundo dominado pela especialização, pela divisão internacional do trabalho em que até a área acadêmica foi dominada pelas lógicas do reprodutivismo científico capitalista, e pela necessidade de comunicabilidade nos anos 2010 em que se começava a experimentar a emergência das mídias sociais, a ideia de um *blog*, hoje, “*cringe*”, para usar um neologismo ultra contemporâneo, parecia adequada.

Ainda não havia a efervescência do *Instagram*, *Twitter*, *YouTube*, *TikTok*, etc. O mundo já era veloz, mas menos veloz que os dias de hoje. Os textos curtos, em formato de ensaios, foram outro desafio. Adaptar uma linguagem acadêmica para um público não especializado foi o combustível que me alimentou durante muito tempo, a tal ponto que os anos iniciais foram frenéticos, quase um texto por dia. A fonte não secou, a obrigação de escrever diariamente, sim.

Além do mais, percebi que escrever diariamente constitui, além de uma necessidade, uma virtude e um defeito. Uma virtude pela exposição de ideias, sentimentos, desejos de relação com o mundo. Um defeito: expor-se deixa de ser virtuosidade para ser vício de dizer ou de ter de dizer, mesmo quando não se quer, ou não se tem nada a dizer. Blanchot (1987) afirma que a escrita é uma espécie de esquecimento, onde o escritor se distancia de si mesmo para se conectar com o que está a escrever.

Ainda assim, o exercício diário me proporcionou grandes descobertas, dentre elas, a literatura. O *blog* foi o primeiro exercício poético, de contos, crônicas e de ensaios e rendeu grandes frutos, tais como duas obras transpostas para livros impressos: *Versura, poemas, contos e crônicas* (2014); *Versura: ensaios* (2017), ambos vencedores do edital Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) - Apoio à publicação de obras. Ainda falta o terceiro livro da trilogia, última da série: *Versura: transição planetária*. Abordarei mais à frente.

Em agosto de 2011, por conta do lançamento do blog, no dia 25 de agosto, data em que se comemora o Dia do Soldado, ministrei uma palestra na cidade balneária de São José de Ribamar, que dista 19 km de São Luís, na escola Liceu Ribamarense, durante o festival de literatura daquela cidade, sobre literatura e história. A plateia eram os alunos das escolas de ensino fundamental da cidade que tomavam por completo o pátio.

Desacostumado a falar numa linguagem mais acessível e de fácil entendimento, me vi no desafio de tentar encantar aqueles meninos e meninas que estavam sedentos pela história e pela literatura, e pela possível relação entre esses dois conhecimentos. Sem discussão teórica iniciei com Monteiro Lobato (1958c) com seu inconfundível *Sítio do pica-pau amarelo* e as circunstâncias que fizeram o escritor de Taubaté lançar mão das relações sociais de seu tempo na urdidura e confecção de sua obra. A barreira foi quebrada. Depois parti para análise de poemas e pedi que os alunos espontaneamente viessem à frente declamá-los e analisá-los. De chofre, soltaram Gonçalves Dias com “Canção do Exílio” (1957).

À medida que a palestra, conversa seguia, comecei a pensar na capacidade que a literatura tem não só de nos transportar e imaginar outros mundos, sua imensa potência de vivificar a sensibilidade das pessoas, como também ao lado da história, de posicionar-nos no mundo, decodificarmos sentidos e tomarmos partido. Eu tenho uma formação em história, foi ela que me deu régua e compasso, meço o mundo a partir das metrificações de Clio.

Veio à profusa alegria quando começaram a me encher de perguntas, difíceis e espinhosas. — “Quem foi o escritor no século XIX que mais publicou”? ... — “Qual o poeta que mais te toca, te sensibiliza”? — “Qual o escritor brasileiro de que mais gosta”? — “Por que poetas e escritores foram exilados durante a ditadura militar”? — “Qual o escritor maranhense é mais conhecido”? Comecei a falar de Dostoievski,

Maiakovski, Malarmé, Baudelaire, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Gonçalves Dias, Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Nauro Machado e tantos outros.

Também tive o imenso prazer e alegria de ver o *blog* sendo objeto de um projeto de extensão, aplicado no município de Alcântara-Maranhão, como exercício de leitura, produção textual, escritura poética e prosaica entre os alunos da escola de Ensino Médio do Instituto Federal (IF-MA) Campus — Alcântara e do Centro de Ensino Integral Aquiles Batista Vieira, da Rede Estadual de Ensino, em 2018, sob a coordenação da Prof^a Adriana Franco de Souza Rocha, do IF-MA. Eu nunca me vi como escritor, e ver alunos recitando meus poemas, encenando peças das minhas crônicas e até fazendo músicas com as histórias foi uma das grandes satisfações e alegrias que tive na vida até o presente momento.

Certa vez, uma leitora disse sobre o artigo EGO's⁸: — “Esse texto mudou minha concepção sobre o cristianismo”. É isso que se trata o *blog* em questão, uma interveniência nos modos de leitura e percepção da cognominada realidade.

Mas nada disso foi possível sozinho. Além dos meus alunos como grandes incentivadores, divulgadores, reprodutores, contei com o apoio de amigos, familiares, parceiros, dentre eles: César Borralho, Claudio Zannonni, Marcelo Cheche, Ana Cristina Teodoro, Patrícia Luzio, Marcos Muniz, Augusto Venturoso, Tonny Araújo, Veronica Coutinho, Thays Barbosa, José Antonio Basto, Luiz Fernando Pinheiro, Ingrid Campelo, Jeanne Sousa da Silva, Marcos Rogério Feitosa de Araújo, Jackson Ronnie Sá Silva, Adonay Ramos Moreira, De Moraes, Álvaro Moreira, Tonny Araújo, Betina Bento, Ria Dourada, Flávio Lazzarin, Lucía Tugeiro de Paula Borralho, minha filha mais velha em seu primeiro poema, à época com apenas 07 anos.

Todos eles publicaram textos, aos quais agradeço e sou muito grato pela parceria, além dos seguidores, não só do Maranhão, Brasil e de vários lugares do mundo, mesmo sendo escrito em língua portuguesa-brasileira e sem olvidar dos revisores, tais como: César Borralho, Patrícia Luzio, Liana Márcia, Claunísio Amorim Carvalho, Maristela Andrade, Dulce Maurília, Ceilene Moraes.

Questões pessoais me fizeram frear a escrita e, quando por vezes tive intento de voltar em pleno vapor, o mundo já estava muito diferente, digo, mais diferente

⁸ <https://versura.blogspot.com/2012/02/egos.html>

ainda: dominado por linguagens cifradas, memes, *fake news*, *whatsapp*, hoje, IA, num alarido aturdido, de difícil legibilidade. Isso não é vitimismo, nem justificativa, é recolhimento. No São João de 2012, encontrei um aluno de biologia que, de chofre, petardou: “Eu gosto do Versura, mas não consigo entender a linha dele”. Sorri e disse: — “No dia em que ele tiver uma única linha, tem algo errado comigo, mas ainda assim quero dizer algo”...

4 O último livro da trilogia: Versura – transição planetária

O último livro da trilogia é: *Versura — transição planetária*, sem data para lançamento. Transição planetária é um conceito polissêmico e interpretado de diferentes formas; desde a astronomia, passando pelos Vedas (*Upanishads*), Brahmanas, algumas sociedades africanas, pelo judaísmo, pelos cristanismos esotéricos e seculares, pelos maias, pelos indígenas hopi dos Estados Unidos, pelos incas, astecas, pelo espiritismo e diferentes esoterismos, dentre outras leituras, tradições e práticas espiritualistas.

Transição planetária é o processo endógeno pelo qual o cosmos, em que os planetas (orbes) estão imersos, passa, mudando continuamente sua estrutura de funcionamento, ampliando-se, esticando-se, emulando novas possibilidades reinventivas de si mesmo, trazendo consigo todos os aspectos e elementos derivados dele, ou seja, tudo o que emana do cosmo muda porque é constituído de mudança contínua. O sol muda, as luas, os planetas, os buracos negros, as galáxias, os sistemas solares, cometas, satélites, meteoros, as estrelas, etc.

E como a existência da vida é derivada dela, porque só existe em virtude de tais astros, sofre ação em seus sistemas biológicos, unicelulares, celulares, nos DNAs, partículas, átomos, etc. A relação que a vida estabelece com essas componentes desenvolve a consciência, que se faz a partir da experiência identificada nas relações sociais, nas linguagens, no pensamento, na cultura, na história. Como somos dominados pelos 5 sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato) e como desenvolvemos a linguagem sígnica de tudo o que “existe”, taxonomizando, dando nomes, sentidos e interpretações, nos tornamos a medida de todas as coisas. Mas acredito piamente que, para além dos limites de nossos 5 sentidos, há muito mais o que se descobrir e compreender, e dentre esses enigmas estão o sentido da vida, de

onde viemos, por que existimos, o que somos, o que estamos fazendo, quais sentidos atribuímos à vida.

A transição planetária também consiste na mudança de paradigmas: da 3ª (terceira) dimensão para a 5ª (quinta). A terceira dimensão é o reino, o domínio dos 5 (cinco) sentidos humanos, por isso mesmo a prevalência de um tipo de racionalidade, de racionalismo, do dualismo, do maniqueísmo, das hierarquias de conhecimento, de experiências fragmentadas, da noção de separação entre homem-mulher-natureza, ainda que o conceito de natureza seja ocidental. Na terceira dimensão, por processos históricos, deu-se a supremacia do patriarcalismo, a ascensão do machismo, da misoginia, da perseguição ao sagrado feminino, das práticas colonialistas, da exploração desenfreada dos recursos naturais do planeta, da subjugação de outros povos, enfim, de toda ordem de separação, exclusão, separação.

Já na 5ª dimensão prevaleciam as práticas integradoras de todo tipo de conhecimento, da fusão entre intuição e dedução, racionalismo e sensitismo, da superação do maniqueísmo, da emergência de novos conhecimentos, muitos deles esquecidos e ou perseguidos, da expansão da consciência para além da materialidade (até mesmo da compreensão sobre a materialidade), do surgimento de novas práticas alimentares, de economia, da superação da pobreza e da exploração dos povos, do fim das culturas opressoras, e sobretudo, da assunção de uma nova concepção de amor, em todos os sentidos. Esse é um processo em construção, uma tarefa árdua e difícil, porém, urgente e necessária.

Como acredito que os planetas não são fixos, mas moradas transitórias para experiências existenciais, que a vida é contínua, eterna, que o corpo perece, a alma, não no sentido junguiano, e sim, na tradição linguística cristã entendida por "espírito", "alma", etc., a aprendizagem da alma é eterna, contínua, passa por graus de elevação e consciência, bem como as almas dos planetas. Sim. Creio que o corpo da Terra, também conhecido por Urantia, Sham, Tiamat, entre outros nomes, é parte materializada do espírito dela, que os gregos antigos chamavam de Gaia; os indígenas mesoamericanos de Abya Ayala; os incas de Pachacamac, entre outras tradições e traduções em outras culturas.

Os maias, antes de desaparecerem, previram, há 800 anos, que em 21 de dezembro de 2012, solstício de inverno, a Terra mudaria de patamar, sofreria uma grande mudança, encontraria seu "fim". Os apressados logo desdenharam quando o

mundo, em 22 de dezembro, “continuou o mesmo”, e não entenderam o silogismo dos textos e o sentido oculto deste enigma: não se tratava do fim do mundo, mas do fim de um mundo e o nascimento de outro, da mesma forma que várias tradições religiosas profetizaram, tal como o fim do mundo e a volta de Cristo para os cristãos. Para os apunishads, essa data “coincide” com o fim da Kali Yuga (idade da escuridão), após o sistema solar se aproximar mais uma vez do cinturão de fótons de Alcyon, recebendo uma quantidade de energia maior que qualquer outro período, ainda que tal aproximação sempre aconteça a cada 2333 anos. Porém, dessa última vez, tal aproximação marca os 25.920 anos do fim de um ciclo e o nascimento da Raia Yuga, idade da luz ou, como preferem os esotéricos, o retorno da consciência crística (volta de Jesus – Sananda), ou ainda, como preferem os espíritas, o fim da Terra enquanto planeta de expiação e provas para ser um planeta de regeneração.

Embora tudo desmorone, a luz venceu, e as coisas irão “piorar” até que o despertar de uma consciência mais elevada global emerja. Ao que estamos assistindo são os solfejos de um mundo ainda dividido e que continuará por um tempo, ao passo que uma nova forma de pensamento surge, mesmo que silenciosamente. Velhos hábitos estão morrendo, velhas práticas, formas de vida, padrões alimentares, vibracionais, conhecimentos, educação, saúde, climas, vegetação, mundo animal, apesar dos donos do mundo insistirem em suas práticas predatórias de convivência e exploração planetária.

O planeta Terra, neste exato momento, está girando em torno do seu eixo e em volta do sol numa velocidade frenética e numa espiral ascendente. Tudo se move. O Incriado, também conhecido como "Deus", "Fonte", "Deus Pai-Mãe", dentre outras designações, sempre existiu, nunca precisou da linguagem para se autoexplicar, apenas é. As criaturas, todos e todas os que derivam dele, nem sempre existiram, mas para serem existirão, por isso, precisam da linguagem e reflexões para se compreenderem e co-criarem com o incriado. Cada vez que um novo sentido é constituído, aumenta a capacidade de entendimento sobre tudo o que existe.

No sábado do dia 12 de outubro de 2024, dia de Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil, enquanto aplicava reiki nos moradores do bairro do Sá Viana, São Luís, na ação extramuros do grupo Transição Planetária, entrei em processo meditativo e tive uma bi-locação mental acerca do que vem a ser a mente (mente não é cérebro), ou, como a informação se apresentou a mim. Nitidamente, tive a visão da

composição energética da alma, entendida aqui não no sentido junguiano enquanto energia psíquica, e sim, enquanto fractal do espírito, uma das subdivisões dele, e porque ela precisa encarnar em um corpo. Necessita vivenciar uma experiência física, matéria e energia são simbioses, a primeira foi criada a partir da segunda. É da alma que fluem os pensamentos, que não são obviamente o cérebro, sendo este somente a parte mecânica para o desenvolvimento da linguagem, das cognições mentais. Percebi também a diferença entre a mente superior e a mente inferior, também conhecida como ego, este sim entendido a partir da psicologia analítica junguiana enquanto centro da consciência. O ego é a mente que, a partir de um corpo encarnado, da realidade, no nosso caso tridimensional, assume aspectos desta dimensão em que estamos vivendo. Como a princípio está eivada de limitações, se identifica com tudo o que tal percepção enxerga.

Como no corpo encarnado as sensações são mediadas pelos 5 sentidos (olfato, audição, paladar, tato e visão), tudo o que o ego, mente inferior, percebe e concebe, está obstaculizado por esses sentidos. O ego, no entanto, intui que existe algo para além dele, a alma, mas, por falta de conexão, se correlaciona com as faltas, ou seja, com todas as limitações impostas pela vida.

À medida que o ego se identifica com uma persona, controla as sensações, o desenvolvimento mecânico do cérebro, dos pensamentos, cria uma realidade. Tal realidade passa a ser vista como única e verdadeira.

Passei a ter a compreensão do que a Física Quântica brada ao dizer: tudo o que sua atenção se volta, molda a sua realidade, passando a existir, Fritjof Capra (2006). Definitivamente, a mente inferior, ao se fixar em um determinado ponto, aciona os átomos que se transformam em partículas, se condensando, criando uma imagem, que por sua vez se densifica até se transformar em uma situação. A co-criação passa a fazer sentido. Tudo é energia, logo, à medida que nos fixamos sobre um aspecto, movimentamos as partículas para que elas se condensem energeticamente e o cérebro as interpreta enquanto realidade.

Primeiro ocorrem as pulsões elétricas, depois as sinapses, por fim, os conectores e receptores através dos peptídeos, que por sua vez se ligam às células. As ligações neurais através dos peptídeos formam uma densa rede conectiva. Tal rede se densifica e molda nossa visão de mundo. Tudo o que está fora desse

emaranhado de teias de circunstâncias é encarado pela mente inferior como irreal, fantasioso, mágico ou mítico.

A mente inferior considera a existência da mente superior como uma ameaça, pois extrapola as dimensões da fisicalidade, da cognominada realidade, fora do seu alcance. Foi então que percebi como a mente superior pode criar mundos paralelos, ainda que não existam fisicamente. Ela faz uma projeção, para além de algo fixo, estabelecendo várias imagens, o que a teoria literária denominou de “imaginação-ficção”. Os poetas estavam corretos: a imaginação é real, pois ela cria o que é imaginado no mundo quântico. Tudo o que é imaginado passa a existir observando a percepção da realidade, da fisicalidade e da forma como a mente inferior compreende o mundo. Vários “eus” existem e essas simultaneidades afrontam o ego, pois todos os dramas criados pelo ego são alimentados por uma percepção, que se dissolve quando observados sob outros ângulos.

A mente superior tem a nítida clareza de que ela é um fractal, um desdobramento do espírito, que por sua vez se liga a outras dimensões, inclusive com a fonte criadora de tudo, também interpretada enquanto Deus Pai-Mãe, um arquétipo. Todo o aspecto vitimizador do ego é, em última instância, uma saudade, uma vontade, um desejo, uma potência de se reconectar com algo que, por desconhecer, mas intuir, desconfia da existência, reclama atenção para a falta, para a ausência, notadamente na infância. Todos os aspectos das faltas na infância se cristalizam a partir do medo. O medo é, em certa medida, o apego à matéria, a falta de controle e ao desconhecido, uma sensação de insegurança, de incerteza.

Pude perceber como esse apego à matéria prejudica os chakras. Eles são vórtices de energia e são afetados pela mente inferior. Tudo o que a mente inferior acredita ser real interfere no desenvolvimento dos chakras. Como são eles que nutrem energeticamente o corpo, à medida que uma identificação do pensamento densifica-se, certos aspectos são tangenciados, criando as crenças, obsessões, pulsões, compulsões, neuroses, doenças, ansiedades, pânico, distúrbios, dentre outras coisas, limitações de toda ordem, incluindo as questões financeiras. As doenças são alimentadas constantemente, ainda que inconscientemente, pelas percepções e sensações emanadas do pensamento. Sob esse aspecto, qualquer doença é autocurável, a limitação está exatamente na crença de sua fixidez, de sua impossibilidade de mutação, alteração.

Isso também serve para os sentimentos. Os pensamentos criam os sentimentos, os sentimentos, por sua vez, criam as sensações, as sensações criam as ações e as ações as atitudes comportamentais. Tudo o que acreditamos ser real passa de fato a existir em termos de crenças e sensações. As intenções constantes mudam a realidade. Nisso se baseia qualquer princípio terapêutico de cura. A cura ocorre quando a pessoa identifica a matriz da dor, do problema, entendendo suas variações, seus desdobramentos, isso também na concepção da psicossomática junguiana. Quando ocorre a compreensão do que ocasionou e como superá-lo, há um desenlace, uma desidentificação com os sintomas, fazendo desaparecer paulatinamente, em alguns casos, o trauma. Ou seja, toda cura ocorre quando há uma despotencialização do problema, quando deixa de ser alimentado, desaparecendo sua importância.

Nossos sistemas políticos, sociais, familiares, religiosos, educacionais, compõem em grande medida nossos modelos de crenças, mesmo porque foram criados culturalmente, ou seja, são frutos das projeções sociais. São circunstâncias fenomenológicas criadas pelas sociedades, alicerçando nossas visões de mundo num processo simbiótico auto-retroalimentado, dialético. Culturalmente, criamos os sistemas, os alimentamos e, uma vez criados, interferem em nossas concepções existenciais. Tais sistemas foram alicerçados nos egos. São, em última instância, projeções.

Há uma estreita ligação entre a introspecção e a descoberta de mundos. As descobertas do que existe fora de nós, como se fosse possível existir o fora, ou como se o fora não fosse extensão do que há dentro enquanto projeção, enquanto vibração, ou ainda enquanto soma das coisas que somos nós, são reencontros. Não que sejamos a medida de todas as coisas, e sim que as coisas são mediadas, atravessadas para serem percebidas, ainda que existam independentes de nós.

Mediadas, aquilo que media, meio, existente por ser nem começo, nem fim, processo, instante eterno-fugidio, eterno-fugaz, eterno-volátil, presente-ausente. O que media, conecta. O que conecta, liga, o que liga, cria pontes, ilaça. As pontes tocam extremos, servem de passagem ao mesmo instante em que são em si passagens.

Somos pontes, somos meios, somos passagens e estamos de passagem. Somos eternos, mas nem sempre existimos. Como pode algo ser eterno mesmo sem

nunca ter sempre existido? Talvez, pela razão de que algo, depois de criado, passando a existir, para sempre exista, ainda que pereça.

A ideia de que mesmo nunca ter sempre existido para algo existir é em si paradoxal, preexiste enquanto força, ideia, potência, vontade, desejo. O existir é o desdobramento do que preexiste. O que preexiste antes do existir é, então, uma potência de si, necessitando de algo que, pelo desejo, o torne real. Desejo e potência do que preexiste, ainda que não sejam a mesma coisa, passam a ser, pois que, depois de efetivado, o que passa a existir é uma ação do desejo.

A introspecção cria mundos, ou os mundos se revelam pela introspecção. Se aquilo que é imaginado passa a existir, então somos co-criadores de mundos, ou os mundos se apresentam a nós pelos nossos desejos de (re)encontrá-los. Os desejos são as potências da criação e, ao mesmo tempo, as vontades manifestas dos mundos de continuarem a existir em nós, por nós e em nós.

Os nós são os laços que nos afetam e nos atam ao desejo de sentir o que é existir. Existir, então, passa a ser uma forma mais elaborada do preexistir, pois o existindo tem a necessidade de se expandir, criando coisas novas, preexistentes dentro de nós, a tal ponto de não sabermos mais o que é preexistente do existente.

A introspecção cria realidades ou é oriunda delas? Se os mundos são criações das introspecções, então só existem dentro de nós, e, no entanto, existem em nós e além. Por que introspectar? Porque talvez seja a melhor forma de encontrar outros mundos para além do que enxergamos, ou porque os mundos existem dentro de nós e só podem ser acessados olhando para dentro. Um grande enigma, talvez, repouse nisto: os mundos se escondem dentro de nós mesmos, sendo espacialmente infinitamente maiores que nós. Como pode o macro caber no micro? Como pode aquilo que foi criado antes se esconder dentro de nós? Porque os nós atam dois mundos: o do desejo e o da ação, sendo os mundos ações dos desejos.

Pelos desejos, criamos mundos e os mundos são as nossas moradias, dentro e “fora”. Por que precisamos de mundos para morarmos? Porque o desejo do preexistir necessita da forma manifesta para a efetivação de suas extensões, uma vez que a ação manifesta reverbera o desejo e porque, uma vez dentro, eles querem se expandir.

O desejo manifesto passa a compor a existência, sendo a existência a expressão do desejo. Não que existência e desejo sejam a mesma coisa, mas existência assume a forma do desejo. A vida passa a ser a forma como a desejamos.

Um ponto fixo. Um pensamento ganhando forma. Aos poucos, a vida se confunde com aquilo que pensamos e o que pensamos, se materializa. O ponto cresce e se torna feixe. O feixe se amplia, criando outras conexões. As conexões criam nexos e os nexos sentidos. A vida se confunde e passa a ser medida pelos sentidos atribuídos a ela.

Um desses sentidos é a noção de ego, “equivocadamente”, interpretado como o eu. É um eu, mas não o eu mais profundo. Mas esse eu interpretado como sendo eu, é um sentido tão cheio de si, que se confunde com a própria noção de existência.

À medida que o tempo passa, esse ego toma conta da vida. Atribui significados, conota sentimentos, atribui valores. Como cada existência é medida por esse Ego, a vida é um repertório de egos em disputa.

Às vezes, esse ego se atrela tão profundamente às certezas, que qualquer outra interpretação sobre a vida se torna inexequível. Ou, outras vezes, tais certezas são a própria ideia de vida. Como qualquer outra mediação, está obnubilada por tais certezas, todas as vezes que o Ego é contrariado, a vida é lida enquanto adversária. É a vida contra o ego. Não, é a vida ampliando as possibilidades do Ego, convidando-o a renunciar a suas certezas, e sim, a lidar com as vicissitudes.

É uma eterna batalha vencer o Ego fixado, que significa não encerrar a vida, mas um tipo de disputa, ampliando as possibilidades da vida e convidando o Ego a aumentar a exponencia dos sentidos da vida. O ego encara a batalha como a morte de si pleno, quando se trata de transmutação. Não admite “perder”, pois sua mudança implica abandonar os pontos fixos, os feixes, os nós que os trouxeram até onde se encontra.

Como transmutar os nós e encarar a possibilidade de novos feixes ainda não vivenciados? Eis a questão!! Diante do insólito, do não vivido, do inesperado, as velhas batalhas. É mais fácil lidar com o trilhar desenhado do que galgar novos caminhos. A segurança, ainda que não segure mais nada, que não faça mais sentido, que não apresente mais nada, que só reforce os mesmos caminhos já trilhados, é incomensuravelmente mais confortável que o desconforto do não saber por onde caminhar.

O ego teme a morte, não apenas a morte física, mas a morte de si. A morte é a única certeza da vida que se tem: a morte como recomeço, como princípio, como reinício, como vida. Tudo morre, para mais uma vez, viver. Tudo morre, para mais uma vez, renascer. Tudo esvanece, para mais vezes, florescer. O ego não deveria temer a morte, pois a única real e verdadeira morte é o medo de viver. É quando a morte se antepõe, não enquanto continuidade da vida, mas sim, enquanto antvida. Morte e medo são silogismos.

São as mesmas faces da mesma moeda, mas não a morte como renovação, e sim, enquanto não renovação. O medo é libelo do antinovo, é a chave que não vira, o não bater de asas, é o voo não alçado, a lagarta que não vira borboleta por temer o voar, pois sempre rastejou.

É preciso morrer. É preciso deixar morrer os feixes, os pontos, os nós, os eus, dar passagem a novos feixes, pontos, novos eus. Assim, o ciclo viver-morrer se completa, se renova, para mais uma vez, viver-morrer.

Se os pensamentos não se desvanecem, outros pensamentos desses mesmos pensamentos não brotam. Outras possibilidades dessas mesmas possibilidades não se possibilitam. Nenhuma nova variação não varia. As palavras novas não surgem. Os significados continuam significando as mesmas coisas. Os nós não desatam.

É preciso celebrar a morte, pois ela entende o que é vida, enquanto a vida, só se compreende enquanto não morre. O desejo manifesto passa a compor a existência, sendo a existência a expressão do desejo. Não que existência e desejo sejam a mesma coisa, mas existência assume a forma do desejo. A vida passa a ser a forma como a desejamos.

Um ponto fixo. Um pensamento ganhando forma. Aos poucos, a vida se confunde com aquilo que pensamos e o que pensamos vai se materializando. O ponto cresce e se torna feixe. O feixe se amplia, criando outras conexões. As conexões criam nexos e os nexos sentidos. A vida se confunde e passa a ser medida pelos sentidos atribuídos a ela. A mudança implica abandonar os pontos fixos, os feixes, os nós que os trouxeram, até onde se encontra.

A latência das imagens se inicia com o nascimento, ainda que não haja clareza e nem conduta moral para inundar o que serão as lembranças puras. Tudo, no entanto, começa a ser registrado. O corpo absorve as imagens, matéria da vida.

As lembranças puras sofrem inflexões das lembranças-imagens até se formarem percepções, propriamente ditas, já transformadas em representações, sentidos, como diria Bergson (1999).

O que permanece são as percepções, não mais as imagens puras. O corpo capta as imagens, mas o cérebro as processa. Tudo passa a ser definido pela relação presença-ausência. A cada afecção que interpretamos como ausência, é iniciado um processo inconsciente de busca por algo que supostamente possa preencher o vazio, ainda que inominável, ainda que não prefigurado. As dores, construções nomotéticas das memórias já elaboradas, editadas pela percepção, passam a se relacionar com o tempo, distinguindo o ontem, passado; hoje, presente; e o amanhã, futuro, ainda que só exista o agora. É a dor da ausência que transforma o passado numa porta sem saída, pois só será passado, deixando de ser presente, exatamente quando a porta estiver aberta e deixar de ser presentificado tal passado. Basta uma imagem captada pelo corpo, ainda pura, depois transformada em lembrança por um ato simbolizado pelos sentidos enquanto referencial, para se constituir uma memória monumental.

A vida, então, passa a ser o sentido da reatualização daquela lembrança ou do desejo de reificá-la. Se o presente não for prenhe de seu sentido, então, a porta do passado continuará fechada, isso constitui o que chamamos de morte: a certeza de que aquilo vivido e interpretado enquanto referencial não se repete, ou pelo menos da mesma forma. Começam a luta e as construções das idealizações, sempre à procura da repetição daquilo que o corpo, depois a percepção, nominou como referência. As outras possibilidades soam como estanques, estranhas, alhures.

Embora a vida seja um mosaico, prenhe de quaisquer significados que possam ser atribuídos a ela, é a vocalização, a direção do olhar, obnubilados pelos sentidos e as percepções que tangenciam e direcionam como a vida deve ou deveria ser sorvida. É a percepção que, conotada pelos sentidos que assumem o lugar da existência, passa a ser compreendida enquanto tal. Damos vida a tudo que atribuímos peso, importância, força e sentido. Tudo é construído, tudo é referenciado. A mudança de percepção altera as significações. Somos os deuses de nós mesmos. Somos os guias de nossas próprias vidas. Somos os autores do que cognominamos de vida. A morte não é antitética à vida, é a sensação de que aquilo que referenciamos enquanto primordial não pode ser repetido. A nossa luta contra a morte se torna menos hercúlea ou mais hercúlea se fazemos da vida um cabedal chamado de obra.

A obra, então, é a monumentalização, a lembrança-imagem congelada, o instante fugaz em que o sentido do que fizemos se imortaliza. O balanço mnemônico da existência é colocado na balança de Anúbis. A existência não se interpõe nesse julgamento, e sim, a percepção de que a matéria da vida, apoiada na memória, na hora da morte, pendeu de forma menos heroica. Não há ninguém lá fora nos julgando, a não ser nós mesmos. E todo esse julgamento nasce no processo de composição das imagens puras e depois imagens-lembranças ou lembranças-imagens, depois percepção.

O corpo, o primeiro a captar as imagens, passa a sofrer com as percepções dos sentidos. Os órgãos internos somatizam o que a matéria–memória edita. A mente intensifica o que ela mesma projetou.

Um instante perceptivo se emoldura na memória. A busca pela reedição da matéria se constitui numa luta fremente de potência. A pulsão mobiliza. Os sentidos elaboram e reelaboram. A mente aprisiona ou liberta. O corpo deseja. O coração sente. O estômago distribui as sensações e comanda outros órgãos, provocando ou uma eubiose ou disbiose, dependendo de como as três mentes: uma localizada no cérebro, outra no coração e a outra no estômago, as prefiguram. Corpo e mente formam um composto amálgama de locução de percepções.

A memória é a edição da matéria. Os mesmos gestos são perseguidos, os mesmos ângulos, as mesmas sensações, as mesmas palavras, interpretações, tudo passa a ser uma condição obsequiosa de repetição. Por isso, as lembranças puras já não importam, e sim, as sensações que elas carregam. Tudo o que não lembre ou não se aproxime de uma situação-monumento passa a ter menos importância, muitas vezes sequer percebida. Assim, o enredo do vivido não é a totalidade da ação, é um filtro da ação.

Do que é a lembrança? O que é a lembrança? Perguntou Ricoeur (2007). O que constitui as lembranças? O que os sentidos ritualizam? Como diria Bergson (1999), não se trata de entender como as sensações nascem, mas como são elaboradas. Como os sentidos são atribuídos e por quê? Que novos sentidos estão sendo construídos nesse momento planetário?

Nesse momento em que vivemos uma Transição Planetária em que tudo está sendo colocado de cabeça para baixo, quando a Terra muda de frequência energética, o antigo modelo de sociedade entra em colapso, novos paradigmas surgem, novas

vibrações, há algo de grande surgindo e a alma sabe, mas o ego teme, pois se trata de algo absolutamente novo. Tudo o que o ego não controla se constitui uma ameaça.

É momento de abrir espaço para o novo, deixar o velho ir embora, deixar a antiga sociedade com seus mecanismos de controle colapsar e dar espaço para a intuição, para aquilo que tangencia o coração, para o silêncio, para as incertezas. A alma inicia sua trajetória de retorno à fonte criadora, a bem da verdade, nunca se separou dela, apenas foi essa a percepção do ego. O que está surgindo é muito além do que o ego possa imaginar.

5 Conclusão

O Versura é um exercício do narratário que quer existir. Os textos em geral falam da vida num amplo espectro. Criado em 5 de agosto de 2011, em formato de *blog*, pautado numa escrita ensaística, é impelido pela vontade de expressão do livre pensamento. Constitui-se igualmente em uma experiência literária, uma forma de tornar mais leve a expressão de sentimentos que a dureza da vida mormente não permite.

A partir também de vários conceitos, correntes e teorias, bem como o de narratário de Josefina Ludmer (2002, 2014), por vezes não somos nós quem decidimos escrever, as palavras nos procuram e tudo se transforma num cenário criador.

Quais são os limites e as inferências que uma escrita pode produzir? Quem determina ou detém os códigos de legibilidade do que pode ou não ser produzido no campo da escrita? Até onde o campo intelectual, no sentido bourdieuniano do termo, o poder simbólico, interferem na capacidade de absorção ou recepção de determinadas ideias? A legibilidade interpretativa é mediada pelo critério de validade dos detentores de um saber? A epistemologia, de qualquer área, é estabelecida meramente por critérios científicos ou também pelo poder persuasivo, discursivo e autorizado de quem, pelo discurso, se faz convincente? Quais os processos são operados numa escrita, de qualquer natureza, e recepção? Qual é efetivamente a distinção, intocabilidade, inviolabilidade dos limites entre as correntes teórico-científicas? O paradigma iluminista tem avançado na elucidação das novas experiências dos novos saberes? O que se diz quando se diz algo? Do que é feita a palavra? O que contém a escrita? O que se lê quando se está lendo algo?

A experiência da escrita do blog Versura colocou questões como essas ao longo dos seus 15 anos, não no sentido de sua elucidação, e sim, de discussão, ampliação dos sentidos e possibilidades de expansão da consciência e percepção apriorística do mundo.

Desta feita, este relato de experiência de produção de escrita e leitura em um ambiente virtual operado no blog ao longo dos seus 15 anos, pretendeu evidenciar como as inferências do campo intelectual-científico, por questões metodológicas, epistemológicas e experimentais, pelo critério da legibilidade acadêmica e sua eficácia simbólica, norteiam nossas visões de mundo, dificultando que novos paradigmas se coloquem como instâncias legítimas, não autorizadas por certas interpretações intelectuais, nem por isso, inexecutáveis e inteligíveis.

A escrita em um ambiente virtual, *blog*, portanto, não científica, se constitui numa aporia, ou seja, num paradoxo axiomático pela ilação de um conjunto de temáticas, assuntos abordados no *blog*, mormente criticadas pelo campo intelectual, por considerá-las não científicas ou não legitimadas pelas epistemologias consideradas aceitas.

Nunca se pretendeu ser uma nova teoria, epistemologia, simplesmente apontar os limites do paradigma cartesiano-iluminista instrumental e suscitar questões axiomáticas mesclando argumentos cientificamente aceitos com outros olhares e vertentes, tais como o holismo, a física quântica, a teoria literária, a neurociência, a psicologia analítica junguiana, o decolonialismo, a espiritualidade, dentre outros elementos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **Categorias italianas**. Tradução: Carlos Eduardo Schmidt Capela, Vinicius Nicastro Honesko. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. **A sombra das maiorias silenciosas**. Tradução Suely Bastos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Os silêncios da história**. Revista interdisciplinar de Cultura e sociedade, São Luis, local, v. 07, nº 01, p. 65-78, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/17145/9225>. Acesso em: em 30 de jul., 2025

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Desejo e criação**: parte III. Disponível em: <https://versura.blogspot.com/2020/10/desejo-e-criacao-iii.html>. Acesso em: em 30 de jul., 2025.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Filosofia e literatura em Eric Weil. In: PERINE, Marcelo; VALDÉRIO, Francisco; FRANCISCO, Alessandro; BORRALHO, Henrique. **Pensamento e História**: Michel Foucault, Paul Ricoeur e Eric Weil. São Paulo: Realizações, 2020b.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Pós-história: os modos de usar a história, a filosofia e a teoria literária de Villém FLUSSER num mundo contemporâneo. In: BORRALHO, José Henrique de Paula, VALDÉRIO, Francisco, GALDEZ, Milena. **Historiografias e Linguagens**. São Luis: Eduema: Pitomba, 2018, p. 105 – 127

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Versura**: ensaios. São Luís: EDUEMA: Café e Lápis, 2017.

BORRALHO, José Henrique de Paula. O fim do canto órfico para a poesia: a fragmentação e a separação entre as musas. In: **Literatura, filosofia, histórias e outras linguagens**. BORRALHO, Henrique (org). São Luis: Eduema: Café e Lápis, 2016.

BORRALHO, José Henrique de Paula. O (in) atual em literatura, In: SANTOS SILVA, Joseane Maia; DOS SANTOS, Silvana Maria Pantoja (org.). **Literatura em diálogo**: memória, cultura e subjetividade. São Luís: Editora da UEMA, 2015, p. 205–240. 252 p.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Onde Clio e Calíope se fundem: a metáfora da farinha d'água. In: **Teoria literária e suas fronteiras**. PUCHEU, Alberto; TROCOLI, Flávia; BRANCO, Sônia. Rio de Janeiro: Azougue Ed. 2014. p.25–41.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Versura, poemas, contos e crônicas**. São Luís: Eduema: Pitomba, 2014.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **História e reflexão**. Revista Outros Tempos. São Luís, v. 10. n. XX, p. 88-103, 2013.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **O fim da separação entre literatura e história**. Revista Contemporânea, v. 2, n. 04. p. 1-23, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/materia/revista-contemporanea/dossie-4-historia-eliteratura>. Acesso em: em 30 de jul., 2025.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Tempo, história, contra-história**. Ciências Humanas em Revista, São Luís, v. 3, n. 03, p. 105–126, 2005

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos seres vivos. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2006.

DARTON, Robert. **O iluminismo como negócio**: história da publicação da "Enciclopédia" 1775-1800. Tradução: Laura Teixeira Mott, Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. In: **Poesias completas**. São Paulo: Saraiva, 1957. p. 83-4.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosaf Naif, 2013.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I – Problematização do sujeito**: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. *In*: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: JZE, 2000, p. 149.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre literatura**. Org. Iuri Pereira. São Paulo: Hedra, 2014

GARCIA, Wilton. **Introdução ao cinema intertextual de Peter Greenaway**. São Paulo: Annablume: UniABC, 2000.

GOLDBERG, Natalie. **Escrevendo com a alma**: liberte o escritor que há em você. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**: psicologia e religião ocidental e oriental. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e transcendência**. Petrópolis; RJ: Vozes, 2015a.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis; RJ: Vozes, 2015b.

KANT, I. **Crítica da razão pura** Os pensadores Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Lisboa: Edições 70, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: moda e seus destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. 8ª edição de “O Picapau Amarelo e A Reforma da natureza” publicada na 2.ª Série das “Obras Completas de Monteiro Lobato.” 1958c

LUDMER, Josefina. **O corpo do delito**: um manual. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LUDMER, Josefina. O que vem depois: uma periodização literária. *In*: PUCHEU, Alberto; TROCOLI, Flávia; BRANCO, Sônia (org.). **Teoria literária e suas fronteiras**. Rio de Janeiro: Azougue Ed., 2014. p. 93-100.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Tradução: Maria Lança. 3. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre, Maria Alice Sampaio Dória. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução: Edgar Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. e LE MOIGNE, J-L. **A inteligência da complexidade**. Trad. Nurimar Maia Falcí. São Paulo: Peirópolis, 2000b.

Direção: Peter Greenaway. Produção: Kasander & Wigman Productions, Channel Four Films. Reino Unido/França/Holanda, 1996. 1 DVD (126 min.), son., color..

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SHOPENHAUER, Athur. **Sobre o ofício do escritor**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva, os aventureiros do absoluto. Rio de Janeiro, DIFEL, 2011.

UNAMUNO, Miguel de. **Como escrever um romance**. Tradução: Antonio Fernando Borges. São Paulo: Realizações, 2011.

WEIL, Eric. **Lógica da Filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

WEIL, Pierre. **Nova linguística holística**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz**: por uma nova consciência, por uma nova educação. Tradução: H. R. Taveira, H. M. Silva. São Paulo: Editora Gente, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

MINI BIOGRAFIA

José Henrique de Paula Borralho

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, UFF-RJ. Pós-Doutor em Teoria Literária pela UFRJ - RJ. Professor Associado II do Departamento de História - UEMA e do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária – UEMA, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras - UEMA, e Coordenador do grupo de pesquisa em Historiografias e Linguagens – NEHISLIN.

E-mail: jh_depaula@yahoo.com.br